



O humanismo cristão de Karl Barth: uma teologia pública?

Karl Barth's Christian Humanism: a Public Theology?

JEFFERSON ZEFERINO^a 

RUDOLF VON SINNER^b 

Resumo

Karl Barth é reconhecido como um dos mais relevantes teólogos do século XX, contribuindo com obras que impactaram o mundo teológico de seu tempo. Por meio de uma análise bibliográfica, o presente texto faz uma leitura de Barth como um clássico cristão que pode ajudar a pensar a condição humana hoje. Com base em critérios públicos de argumentação, elabora-se um exame de sua proposta de humanismo, considerando-a dentro de sua tradição reformada na relação com Calvino, na escuta atenta de pertinentes comentadores, bem como na análise de fontes primárias. A partir de aspectos de sua antropologia teológica, destaca-se um humanismo cristão que pensa o humano em sua co-humanidade e suas relações desde uma ética de gratuidade e responsabilidade. Neste sentido argumentamos que Barth pode ser compreendido como teólogo público.

Palavras-chave: Karl Barth. Teologia Pública. Humanismo Cristão. Co-humanidade. Ética da Graça.

Abstract

Karl Barth is recognized as one of the most relevant theologians of the 20th century, contributing with works that impacted the theological world of his time. By way of a bibliographical analysis, the present text promotes an interpretation of Barth as a

^a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: jefferson.zeferino@hotmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: rudolf.sinner@pucpr.br

Christian classic that can help to think the human condition today. Based on public criteria of argumentation, an examination of his proposal of humanism is elaborated, considering it within Barth's Reformed tradition in relation to Calvin, being attentive to pertinent commentators and an analysis of primary sources. Focused on aspects of Barth's theological anthropology, a Christian humanism emerges that thinks the human being in his fellow-humanity and relationships based on an ethics of gratuity and responsibility. In this sense, we argue that Barth can be affirmed as a public theologian.

Keywords: Karl Barth. Public Theology. Christian Humanism. Fellow-humanity. Ethics of Grace.

Introdução

O renomado teólogo sul-africano, John de Gruchy (2010b) conta um pouco sobre sua experiência como estudante numa época em que Barth não era muito bem-quisto nem nos redutos mais conservadores, nem nos mais liberais. O autor desconfia, até certo ponto, de que essa recusa a Barth se dava por uma falta de conhecimento, ou mesmo de uma leitura pouco esclarecida da teologia barthiana. No contexto brasileiro, de onde os autores deste texto falam, o diagnóstico do teólogo sul-africano pode muito bem ser reverberado. A obra magna de Barth, a Dogmática Eclesiástica [*Die Kirchliche Dogmatik*], não está disponível em português. Há algumas obras com boas traduções, como a segunda edição [1922] de *A Carta aos Romanos* (BARTH, 2016), que ora completa o seu centenário. No entanto, o acervo traduzido não abrange suficientemente o complexo teológico barthiano. Há, certamente, aquelas pessoas que acessam seus textos em língua alemã, ou em boas traduções para o inglês, francês, italiano ou espanhol. Em boas faculdades de teologia católicas o nome de Barth é certamente conhecido, assim como Karl Rahner está vívido nos ouvidos de estudantes de boas faculdades protestantes. Parar para ler e estudar Barth é um exercício já menos frequente. Quando muito, ele é apresentado em introduções panorâmicas como as de Gibellini (2012) e Mondin (2003). Um risco, nesse contexto, é a reprodução acrítica das abordagens de terceiros, de tal modo que se gosta ou se desgosta de um autor por inércia.

Há experiências marcantes que, com o tempo, tomaram, inclusive, algum ar folclórico, como é o caso das gerações de estudantes luteranos que

nas décadas de 1950 e 1960, na Escola Superior de Teologia (atual Faculdades EST), dividiam-se entre barthianos e bultmannianos, sendo já olfativamente distinguidos por sua preferência por cachimbos (barthianos) e charutos (bultmannianos — DREHER, 2008, p. 59-60).

Entre reconhecidos teólogos luteranos influenciados por Barth poderíamos contar Ernesto Schlieper (cf. DREHER, 1984, p. 238, 246-250; SCHÜNEMANN, 1992, p. 122-125) e Walter Altmann (organizador dos textos selecionados na obra *Dádiva e Louvor* e seu prefaciador). Em outros redutos protestantes, poderíamos nomear autores como o reformado Ronaldo Cavalcante ¹ e o congregacional Manoel Bernardino de Santana Filho (2021).

A conexão entre Karl Barth e teologia pública pode parecer anacrônica para alguns, uma vez que, em seu tempo, o termo teologia pública era inexistente. As primeiras formulações mais consistentes datam da década posterior ao falecimento de Barth (cf. SINNER, 2011; 2012a). Ainda assim, com o devido cuidado teórico, se pode perceber neste inquieto teólogo uma constante preocupação com questões públicas, bem como a possibilidade de que estudos recentes se inspirem em seu legado. Em sua análise de Bonhoeffer, Carlos Caldas (2016) fala sobre uma teologia pública *avant la lettre*, acreditamos ser legítimo replicar esta expressão com Barth. Isto é afirmado explicitamente por Eva Harasta (2009, p. 201) em seu artigo sobre “Karl Barth como teólogo público?”, especialmente em sua análise do escrito pós-guerra de Barth (2018b) “Comunidade cristã e comunidade civil”. Segundo Harasta, os exemplos dados naquele escrito, por meio de analogias,

Se leem como um programa de teologia pública *avant la lettre*: estando interessado em seres humanos antes de causa abstratas; sustentando o estado constitucional; seguindo a opção preferencial pelos fracos social e economicamente; liberdade de opinião combinada com responsabilidade pela comunidade civil por parte de todos os cidadãos; as separações entre os poderes políticos (legislativo, executivo, judiciário); localismo com intenção ecumênica (HARASTA, 2009, p. 201; cf. BARTH, 2018b, p. 306-313).

¹ Ver o texto de Cavalcante nesta edição da revista.

Que tipo de teologia pública Barth nos permite pensar? Bem, se lançarmos mão da já consagrada distinção dos públicos da teologia elaborada por Tracy (1981), logo deveríamos reconhecer que o público referencial do pensamento teológico barthiano é a igreja. O título e o volume de sua obra magna falam por si só — *Kirchliche Dogmatik*, dogmática eclesial. Barth coloca em curso um projeto de dogmática da igreja. Como a comunidade cristã se entende à luz da Palavra de Deus? Eis uma pergunta norteadora da teologia barthiana. Sociedade e universidade, mesmo que em princípio reconhecidos, são públicos colaterais. Uma teologia que fala para a igreja pode ser considerada uma teologia pública? Essa é uma pergunta instigante, o que não se pode deixar de reconhecer é que os posicionamentos teológicos de Barth reverberaram para outros âmbitos, bem como se alimentaram de suas percepções do contexto. Sua resistência ao nazismo, ao ponto de ter que deixar sua cátedra universitária, é bem conhecida. A atitude de colocar-se ao lado do exército de seu país de origem, inclusive de farda, diante da ameaça nazista, reflete seu ímpeto de coerência entre teologia e ética. Afinal, se, de acordo com Barth, Deus se dá a conhecer por meio daquilo que faz, com o teólogo de Basileia não é diferente (cf. ZEFERINO, 2018b). Por outro lado, como ressalta Eva Harasta (2009, p. 189), Barth “simplesmente não alcança uma teologia pública empiricamente exigente” uma vez que “seu interesse na sociologia, quando muito, estava limitado”. Se, portanto, Barth tem a ética como central à teologia como um todo, o que cabe bem numa teologia pública, ele não faz uma leitura apurada e científica da realidade — aquilo que, na Teologia da Libertação, chamar-se-ia, na formulação de Clodovis Boff (1993; BOFF; BOFF, 2001), de “mediação sócio-analítica”. Parece também difícil enquadrar Barth numa “bilinguagem” como defendida por Heinrich Bedford-Strohm (2018) e retomada por outros autores (FORSTER, 2020; KIM, 2021), uma vez que insistia numa linguagem mais estritamente teológica, centrada na oração e na proclamação (ver, porém, as concessões em BARTH, 2018a, 404-406). Porém, ressalta a função crítica e nada submissa deste linguajar próprio da igreja, mesmo da fala a Deus, da oração, não por último da oração pelas autoridades (HARASTA, 2009, p. 195-196; BARTH, 2018c).

O tempo presente está prenhe de questões que provocam a reflexão teológica. Um dos desafios colocados na atualidade é a possibilidade de se

pensar novos humanismos. Um modo de colocar esse pensamento em movimento é justamente olhar para contribuições de autores que se debruçaram sobre a condição humana em seus contextos que, não raro, se demonstraram como momentos de crise. Um humanismo cristão, portanto, pode ajudar na consideração sobre o humano que, sempre de novo, se coloca diante da crise que é a própria existência e da interpelação ética lançada pelo rosto do outro. Alteridades em risco como das pessoas refugiadas, de imigrantes e da população negra, para citar apenas algumas, demandam uma análise consistente da realidade que ajude a desvelar mecanismos de apequenamento da vida.

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), mártir alemão assassinado pelo regime nazista, pastor e teólogo luterano, desenvolve, na compreensão de Jens Zimmermann (2019), um humanismo cristão que relê a *theosis* não como deificação, mas como um tornar-se humano à semelhança de Cristo. Há aí um humanismo encarnacional em que a disposição ética está relacionada à cristologia. Também John de Gruchy (2010a) reforça essa característica cristológico-humanista do pensamento de Bonhoeffer, em que este movimento de tornar-se humano é feito para o bem das outras pessoas. Tanto Zimmermann quanto de Gruchy estabelecem, portanto, que mesmo não compreendendo sua proposta como um humanismo, ser possível que da obra bonhoefferiana se desenvolvam aspectos para se pensar um humanismo cristão, sobretudo em virtude dessa base cristológica, com especial atenção à noção de cristoformação (*Gleichgestaltung mit Christus*), compreendendo que Jesus revela a verdadeira humanidade (cf. ZEFERINO; SINNER, 2020; SELL, 2019). Se tal premissa é verdadeira para a análise de Bonhoeffer, ela também pode ser para um estudo sobre Barth. Aquilo que se poderia compreender, em Bonhoeffer, como a percepção de uma humanidade vivida para as outras pessoas, está explícita, por exemplo, na noção barthiana de co-humanidade (*Mitmenschlichkeit*) (cf. BARTH, 1978; ZEFERINO, 2018b).

Avaliar a herança teológica barthiana como um clássico cristão é um esforço metodológico que haure da proposta tracyana de diálogo com os clássicos religiosos. Para este autor, um clássico é irredutível, sempre guardando algum excesso de sentido, sendo sempre novo e renovado diante

de novos leitores. Um clássico comunica ao humano algo de sua própria humanidade e, desse modo, pode ajudar a pensar a condição humana e a questão religiosa na situação contemporânea (TRACY, 1981; cf. ZEFERINO, 2018a).

Ao destacar o humano em sua dimensão relacional, o presente estudo traça alguns caminhos para se pensar um humanismo cristão como teologia pública a partir de Karl Barth. Em um primeiro momento, fazemos uma primeira aproximação a seu humanismo cristão em relação com a teologia de Calvino. Na sequência, nos dedicamos à compreensão de sua argumentação sobre o tema com base em textos selecionados. Por fim, à guisa de conclusão, tratamos de elementos que possam ajudar a pensar a relação entre Karl Barth e teologia pública. Compreende-se que uma antropologia teológica, atenta a critérios públicos de argumentação, auxilia a ver como o teólogo de Basileia possui ainda potencial provocador no que concerne à existência teológica hoje.

Notas sobre um humanismo cristão em Calvino e Barth

O humanismo cristão que se delineia a partir do século XVI está em descontinuidade com um árido escolasticismo, valorizando uma releitura das fontes e redescobrimo um certo modo-de-ser inspirado nos ensinamentos de Jesus. Essas bases foram aproveitadas pela Reforma. Zwínglio, Melanchthon, Bucer e Calvino foram treinados no humanismo de seu tempo antes de se tornarem reformadores (GRUCHY, 2010b, p. 371-372).

Nas várias edições das *Institutas*, Calvino se refere positivamente a estoicos como Sêneca, bem como sua apreciação de temas clássicos como a virtude e o belo fazem uso de um certo estilo humanista. Mesmo o estabelecimento daquela que se tornaria a Universidade de Genebra, possui traços humanistas em sua fundação. O retorno às fontes (filósofos clássicos e as Escrituras) e o recurso à retórica, não por último, compõem todo um pano de fundo humanista com qual o reformador de Genebra interage criativamente (GRUCHY, 2010b, p. 372), além de considerar também a teologia como empreitada profundamente humana (GRUCHY, 2009, p. 41).

A questão do humano se mostra central também para a teologia de Calvino quando reflete acerca da ação de Deus na história em Jesus Cristo. Deus tornar-se plenamente humano em Cristo não apenas é um dado de fé, mas molda o modo como se compreende a realidade como um todo. Nesse sentido, tanto a conversão como uma educação cidadã se tornam necessárias. A vida pública e a social importam assim como a vida de fé, num “humanismo social” que tem influência sobre a vida pública (GRUCHY, 2009, p. 205-217; cf. BIÉLER, 1964). É nesses termos que John de Gruchy (2010b, 372) afirma ser possível nomear Calvino como um “teólogo público” (cf. também KIM, 2021). Vale notar, portanto, que o humanismo cristão de Calvino não rejeita o humanismo de seu tempo, mas o localiza sob a graça de Deus, concebendo uma visão mais realista do humano, menos otimista (GRUCHY, 2010b, p. 372-373).

Nos séculos que separam Calvino de Barth muito aconteceu e o humanismo se tornou sinônimo de secularização. Contribuíram para isso as guerras religiosas, a Revolução Francesa, o Iluminismo, bem como a desilusão com formas confessionais de cristianismo, algo que favoreceu uma reflexão humanista de base racional no que diz respeito à vida moral. Com isso, é o bem-estar do humano, antes da glória de Deus, que se torna a medida das coisas. A resposta cristã a tal desenvolvimento não costumou ser positiva, seja do lado católico, seja do protestante. Ao se distanciar do humanismo, o cristianismo dominante se afasta de temas que antes lhe eram caros, como a razão, a cultura, a liberdade, a humanidade e a tolerância. A igreja, com isso, torna-se rival dos valores da renascença, ao invés de fomentá-los (GRUCHY, 2010b, p. 373).

A recusa à religião, ou mesmo o esquecimento de sua contribuição às perspectivas humanistas, se dá justamente nesse tipo de contexto em que o próprio cristianismo se distancia das questões mais humanas. Contudo, há outras formas de cristianismo que valorizam o humano e podem auxiliar a complexificar as próprias bases possíveis para se pensar a condição humana hoje, de tal modo que abordagens que rejeitam as contribuições religiosas se distanciam de uma compreensão menos lacunar da realidade. Refletir sobre as

bases do humanismo demanda que se investiguem também as fontes cristãs (cf. GRUCHY, 2010b, p. 374).

É diante de um otimismo demasiado e arrogante no humano que Karl Barth tece sua crítica à teologia liberal. É sempre bom lembrar que o evento que o leva a romper com a escola na qual fora educado não é, primeiramente, de cunho teológico, mas ético. Ao ver seus professores apoiarem a política de guerra alemã no contexto da Primeira Grande Guerra, Barth percebe que não os podia mais seguir em sua ética e, conseqüentemente, em sua teologia (cf. ZEFERINO, 2018b; GRUCHY, 2010b, p. 374). Já na primeira versão de sua *Carta aos Romanos* [1919], Barth afirma que “fora da unidade e verdade criadoras e vivas de Deus, o liberalismo é pecado. E agora estamos, de fato, diante do desmoronamento deste nosso sistema de vida descolado de Deus” (apud PFLEIDERER, 2016, p. 60). Em fase posterior, mais madura e num ambiente menos dramático, contudo, a ênfase na liberdade reaproximou Barth de certas convicções liberais, nomeadamente de Albrecht Ritschl (CHALAMET, 2019).

Um humanismo cristão de base barthiana se concentra na graça de Deus, em seu “sim” para o verdadeiro humano em Jesus Cristo, que é o humano para as outras pessoas. Em Cristo, ninguém está excluído da oferta de graça feita por Deus. Desse modo, a humanidade compartilhada não é apenas um dom natural, mas também uma dádiva graciosa (GRUCHY, 2010b, p. 374-375).

A humanidade de Deus, palestra proferida por Barth (2018a) em 1956, marca um ponto de virada na teologia barthiana em que se tenta estabelecer um equilíbrio entre a divindade e a humanidade de Deus. Desde seu *Comentário aos Romanos*, sobretudo na segunda edição, o acento na divindade como *totaliter aliter* (BARTH, 2016, p. 285) estava bem caracterizado, o humano, contudo, parecia estar sendo soterrado pela divindade.

Eis o parágrafo introdutório do texto de 1956:

A humanidade de Deus – isto, corretamente compreendido, deve por certo significar: o seu relacionar-se com o ser humano e o voltar-se para ele; Deus que fala com o ser humano em promessa e mandamento; o ser, a intervenção e a ação de Deus em favor do ser humano; a comunhão que Deus mantém com o ser humano; a livre graça de Deus, na qual ele não quer ser e não é Deus, exceto como Deus do ser humano (BARTH, 2018a, p. 393).

Com efeito, este texto sintetiza aspectos que estão presentes no pensamento de Barth, como em sua Doutrina da Criação (CD III), mas também já em sua Doutrina de Deus (CD II). Em resumo, se pode afirmar que, no decorrer de seu desenvolvimento teológico, o Deus *totalmente outro* se torna mais claramente *totalmente aqui* (cf. ZEFERINO, 2018b). John De Gruchy (2010b), rastreia a confecção do texto sobre *A humanidade de Deus* por ocasião da participação de Barth em um simpósio sobre um novo humanismo que ocorreu em Genebra em 1949.

Barth insiste na compreensão do humano a partir da noção de um Deus que se torna humano. Disso decorre uma cristologia encarnacional e relacional que reconhece o caráter interpessoal do ser humano. Ser humano é ser com os outros. A ressalva que tanto Barth, como Calvino levantam é a de que esse humano que floresce, também pode ser o humano que desumaniza o outro, seja com justificativas religiosas ou seculares. Para estes teólogos reformados, contudo, o evangelho não significa a vitória do pecado que desumaniza, mas do triunfo da graça que humaniza e, portanto, fala de uma nova humanidade a ser vivida comunitariamente (GRUCHY, 2010b, p. 376-378).

É aos textos de 1949 e de 1956, bem como a aspectos da *Dogmática* em suas doutrinas de Deus e da Criação, que nos dedicamos a seguir, de modo a apresentar mais detalhadamente a argumentação do teólogo de Basileia.

Antropologia barthiana e humanismo cristão

Em *God Here and Now*, uma coleção de escritos de Barth, os organizadores emolduram a obra com dois textos oriundos de sua participação em um evento que reunia estudiosos de campos variados provocados a refletir sobre um novo humanismo no ano de 1949. É evidente aqui o contexto do pós-guerra e da necessidade de pensar de modo crítico, mas também com alguma esperança, o humano que sobrevivia àqueles anos difíceis.

Nos textos da coleção, diz John Webster na seção de “endorsements” da obra, é possível ter acesso a Barth como um dogmático, como um ecumenista e como um humanista cristão. George Hunsinger (2003), quem

assina a introdução da obra, esclarece que o texto *The Christian Proclamation Here and Now* constituiu a apresentação que Barth realizou no evento e que o texto intitulado *Humanism* é uma reflexão posterior, recolhendo suas impressões sobre o que seus pares de outras áreas apresentaram sobre o tema, indagando se o *humano verdadeiro* de algum modo havia sido pensado naquela ocasião. Tal questionamento está enraizado na particularidade de sua cristologia que dá forma para toda sua compreensão de mundo. Paul van Buren (2003), outro renomado teólogo que aqui atua como tradutor dos ensaios da coleção, ao apresentar a obra tendo em mente o público de leitores americanos, evidencia o acento cristológico do pensamento barthiano. Essas observações já auxiliam a situar a abordagem de Barth sobre o humanismo como um exercício teológico marcado pela centralidade de Jesus de Nazaré como o humano que dá sentido àquilo que se pode pensar sobre o humano.

A proclamação cristã aqui e agora (1949)

Sobre a *proclamação cristã aqui e agora* no contexto da reflexão sobre um novo humanismo, Barth remete não à invenção de uma nova forma de humanismo, mas à compreensão de um *humanismo de Deus* como conteúdo da proclamação cristã. O que está em jogo é a questão da encarnação, da palavra tornada carne que se torna a palavra sobre o humano (BARTH, 2003b, p. 1-4). Sobre os fatores que compõem essa correlação, Deus e o humano, Barth desenvolve algumas observações:

a. Sobre este Deus da teologia protestante, (i) Barth (2003b) o explica por meio da invocação trinitária, indica a revelação como meio a partir do qual este Deus se dá a conhecer, bem como identifica a fórmula *humanismo de Deus* com *Jesus Cristo*, reconhecendo que a encarnação é um modo bastante particular de compreender Deus (p. 4); (ii) a benevolência de Deus é encontrada em seu humanismo, isto é, em Jesus Cristo como movimento de graça livre e eletiva na direção do ser humano. Falar do Deus cristão e do humano dentro desta perspectiva é compreendê-los diante desta graça eletiva, de um Deus que escolhe ser Deus do ser humano, colocando-se ao lado dele (p. 5); (iii) Tal humanismo de Deus aconteceu de modo concreto na pessoa de Jesus. Em sua particularidade, o evento da palavra-tornada-carne é único de

tal modo que a humanidade de Jesus não está para ser julgada por algum conceito geral de humanidade, mas é ela mesma que se torna critério para a compreensão do humano (p. 5-6).

b. Sobre o humano, Barth (2003b) reúne quatro ideias: (i) O humano possui sua gênese e destino em Deus. O humano verdadeiro existe nesta história porque o Deus vivo existe. É a partir desta base que a proclamação cristã pode se relacionar seja de modo pacífico ou conflituoso com qualquer humanismo (p. 6-7); (ii) Não há existência humana fora das relações humanas, sem elas alguém seria inumano. Se é humano com os outros. Em Jesus Cristo, aquele que existe em favor de todas as outras pessoas, se reflete a relação humana com Deus e com o próximo. Tal perspectiva concebe uma responsabilidade livre e recíproca, reconhecendo o humano em sua dignidade, deveres e direitos (p. 7-8); (iii) O humano coloca o humano em risco. Considera-se o humano sob a realidade do pecado, compreendendo que o humanismo de Deus, Jesus Cristo, sofreu a acusação e a condenação da escolha humana de viver em desprezo da graça e afastada do seu próximo. Reconhecer esta realidade é algo que falta aos humanismos clássicos e pode faltar aos novos (p. 8-9); (iv) A palavra cristã final não é condenação, mas o triunfo da graça. O humanismo de Deus é, portanto, graça livre e efetiva. A igreja é o lugar onde tal graça é anunciada, porém, ela se destina a todas as pessoas. É nesta graça que tudo e todos subsistem, mesmo aquelas pessoas que não saibam dela ou não a reconheçam. A proclamação cristã é evangelho, notícia boa e alegre que permite que o humano ame ao seu próximo — aspecto que dá base para toda a ética (p. 9-11).

Em resumo, para Barth (2003b, p. 11-12), mesmo reconhecendo que isto seria pedir demais considerando seu público no contexto daquele congresso, um novo humanismo só pode ser pensado como um humanismo de Deus. A proclamação cristã aqui e agora, por sua vez, indica algo significativo, vivo, prático e efetivo. Em Jesus Cristo, esta proclamação toma a dimensão de um eterno *aqui e agora*, conclamando o humano para uma decisão.

Humanismo (1949)

Em sua reflexão intitulada *Humanism*, Barth (2003a, p. 115-116) realiza um olhar avaliativo do congresso *Rencontres Internationales* do qual participara em Genebra com o intuito de refletir sobre um novo humanismo. Um primeiro elemento que o autor destaca é o clima amigável no qual estudiosos de diversas áreas buscaram ouvir uns aos outros, assumindo uma virada humana diante de um contexto inumano de tal modo que aquele ambiente não deveria nada a grandes humanistas da história. Ao questionar acerca dos resultados daquela conferência, contudo, Barth aponta para a falta de encaminhamentos práticos na direção de alguma solução ou resposta útil ao mundo contemporâneo, comenta sobre a diversidade de opiniões sobre o que seria um novo humanismo, bem como, em tom crítico, avalia que não foi possível se chegar a alguma conclusão sobre se tal humanismo é algo viável em seu tempo ou apenas algo a ser desejado. Que estudiosos de diversos campos se reúnam de modo agradável e com discussões instigantes, contudo, ainda é algo que ele valoriza.

Barth reflete, então, sobre o próprio conceito de humanismo tratado no evento. Avalia que parte da reflexão consistia em tentar recuperar conceitos clássicos de humanismo, seja da *Academie Française*, seja da tradição grega, ao que ele recomenda a atenção, não dada a contento naquele contexto, de que se considerem, como legítimos e respeitáveis, a seu próprio modo, aquilo que denomina de humanismos orientais (BARTH, 2003a, 116-117).

Diferentes aproximações ao humanismo foram apresentadas por personagens de diferentes contextos europeus como o alemão, o francês e o inglês, com perspectivas filosóficas, marxistas (como na participação de Henri Lefebvre), do existencialismo (destacando aqui a presença de Karl Jaspers), ou mesmo de campos como a biologia. Do campo teológico, um dominicano, Pe. Maydiéu, e um protestante reformado, Barth, foram ouvidos de modo atento, amigável e respeitável (BARTH, 2003a, p. 117-123).

Barth (2003a, p. 124-126) destaca a consonância de sua abordagem com a de seu colega católico, mesmo que o segundo partisse mais de baixo para

cima e o primeiro mais de cima para baixo, ambos respondiam à questão do humanismo em Jesus Cristo que revela o verdadeiro Deus e o verdadeiro humano. Tal unidade, para ele, foi mais evidente do que a unidade entre os dois preletores marxistas.

Em sua apreciação crítica, Barth compreende que, em última análise, a partir do evangelho, se deve contradizer todos os humanismos (e vários outros ismos) enquanto programas abstratos (BARTH, 2003a, p. 124). A ausência de um aporte consistente a questões como a culpa ou a morte nas conferências chamou a atenção de Barth. Que o humano é alguém que está perdido, mas que, ao mesmo tempo, também está salvo, é algo que deve informar qualquer abordagem humanista (BARTH, 2003a, p. 127).

Barth ecoa as críticas feitas à teologia no que diz respeito ao seu exclusivismo e que a reivindicação absolutista de uma religião da revelação é algo perigoso. Sobre o exclusivismo da proclamação cristã, Barth compreende que ela confronta o humano com uma necessidade de decisão e de responsabilidade. Ele assume que se a confissão de que Jesus é o único salvador do mundo deve ser taxada como exclusivismo, então esta acusação deve ser mantida. Tal confissão não pode ser imposta, mas se deve reconhecer a liberdade de se poder fazê-la. Esta confissão é ao mesmo tempo inclusiva, pois abrange todas as pessoas. A Igreja cristã, localizada em espaços bem concretos em sua realidade terrestre, em sua exclusividade e inclusividade, diante da questão do humanismo, só pode confessar que Jesus Cristo *Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria virgine et homo factus est* (“se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez ser humano”) (BARTH, 2003a, 128-132).

A humanidade de Deus (1956)

Como indicado anteriormente, no texto sobre A humanidade de Deus de 1956 e que, segundo John De Gruchy (2010b), está relacionado com as palestras proferidas por Barth em 1949, o autor prevê lugar central para a humanidade na compreensão da divindade. Deus, em sua livre graça, escolhe existir em

relação com o ser humano, algo que encontra significação última em Jesus Cristo (BARTH, 2018a, p. 393).

É este acento cristológico que marca a distância que Barth quer estabelecer com outras teologias evangélicas de matiz antropocêntrica e humanística em que falar de Deus era falar do humano religioso (BARTH, 2018a, p. 394). Com sua reflexão, Barth (2018a, p. 394-397) quer escapar tanto da divinização do humano, quanto de um desprezo do humano numa afirmação desmedida da divindade de Deus. Em uma correta interpretação de Jesus, para ele, este problema pode encontrar solução. Na mediação e reconciliação realizadas em Cristo, a abertura para a condescendência da divindade, está o mistério de que Deus, em sua liberdade, escolhe ser um Deus conosco e, assim, um Deus vivo. Tal divindade não exclui, mas inclui a humanidade. É nesta humanidade que Deus manifesta seu amor, sem ela estaríamos diante de um falso Deus. A divindade deste Deus que não é Deus sem o ser humano é reconhecida em sua sensibilidade ao humano (cf. ZEFERINO; BOFF, 2015).

Em Cristo o humano tem acesso a Deus. A teologia, então, em sua dogmática, exegese e ética, não pode se debruçar mais apenas sobre Deus ou mesmo sobre o humano, mas na relação entre Deus e o ser humano. A igreja, sob o senhorio de Cristo e sob a ação do Espírito Santo, ao confessar a humanidade de Deus, é lugar de serviço e comunhão, diante da compreensão de que ser cristão é ser com os outros. A igreja possui a tarefa e missão de refletir a humanidade Deus para o restante do mundo (BARTH, 2018, p. 402-410).

A Doutrina de Deus e a Doutrina da Criação (1940-1951)

Um Barth já maduro é aquele que encontramos em sua Dogmática. Se os primeiros textos são publicados quando Barth já passava dos 45 anos de idade, o tema da ética começa a ser sistematizado no formato de capítulos conclusivos de sua KD dez anos mais tarde. Em sua *Doutrina de Deus* (originalmente publicada em 1942) fala do mandamento de Deus e da aliança que sustenta tal mandamento, Jesus Cristo. A eleição divina aqui toma a dimensão de um Deus que elege a si mesmo para ser Deus do ser humano. O

elemento da encarnação e o relevo da humanidade de Cristo já aparece aqui, pois é nela que o criador, reconciliador e redentor estão presentes. A ação de Deus, Jesus Cristo, é graça, dela decorre que a ética humana é ética da graça à medida em que se torna analogia da ação de Deus (BARTH, 1967; cf. BROMILEY; TORRANCE, 1967; BROMILEY, 2001; ZEFERINO, 2018b).

Na *Doutrina da Criação*, especialmente na KD III/4 (originalmente publicada em 1951), Barth (1978) articula o conceito de *co-humanidade* (*Mitmenschlichkeit*), o qual, a nosso ver, condensa os avanços barthianos em sua aproximação ao tema da humanidade. Tal perspectiva já estava presente em suas reflexões de 1949 quando entendia a humanidade como um ser humano com os outros. Vejamos a articulação de Barth (1978, p. 117) na KD: “Humanidade, modo característico e essencial do ser humano, é em sua raiz co-humanidade. Humanidade que não é co-humanidade é inumanidade”² (tradução nossa). O ser humano existe como um ser na história, com um corpo, com um tempo limitado e em relação com as outras pessoas (BARTH, 1978, p. 43-44). A ética da doutrina da criação é também uma ética da graça em que o humano existe relacionalmente (cf. ZEFERINO, 2018b).

O que dizer do humanismo em Barth depois do registro dessas fontes primárias? Na sequência, apresentaremos tal exercício na perspectiva de uma teologia pública.

À guisa de conclusão: Karl Barth, um teólogo público?

Há na versão barthiana de um humanismo cristão algum espaço para se pensar uma teologia pública?

Um primeiro elemento a ser considerado é o exercício público-teológico de Barth de escrever sobre humanismo diante de um público não cristão. Com isso, o teólogo necessita abordar seu tema de tal modo que ele seja compreensível a seus interlocutores. Nessa direção, Barth fala logo de um risco assumido pelos organizadores ao convidarem teólogos para falarem da

² “Humanity, the characteristic and essential mode of man’s being, is in its root fellow-humanity. Humanity which is not fellow-humanity is inhumanity”.

proclamação cristã aqui e agora. Ao mesmo tempo, desde o início, o autor explicita as bases a partir das quais construirá sua abordagem. Tal enunciação permite ao ouvinte, mesmo não compartilhando das crenças do preletor, julgar o raciocínio exposto. O lugar a partir do qual Barth fala é a teologia protestante (cf. BARTH, 2003b, p. 3). Dessa posição ele explica elementos da fé cristã para sua audiência.

Ao comentar sobre a legitimidade e respeitabilidade dos humanismos orientais que se fizeram conhecer ao ocidente ao seu próprio modo (BARTH, 2003a, p. 117), Barth oferece uma chave de aproximação a fontes outras, isto é, que elas sejam interpretadas dentro de seu mundo de significação. Eis um conselho que pode ser aplicado ao próprio edifício barthiano. Se hoje as exigências de reflexão acadêmica caminham cada vez mais para uma necessária crítica à autorreferencialidade teológica (cf. VILLAS BOAS; ZEFERINO; SERRATO, 2021, p. 223-226), isto não deve significar que complexos teológicos com pouca abertura dialógica prática sejam desprezados. Ao contrário, como herança histórica elas podem ser revisitadas e ajudar a pensar questões atuais. Ao mesmo tempo, elas podem nos oferecer base argumentativa na compreensão e análise crítica de fenômenos teológicos de não dialogicidade. O próprio Barth (2018a), como visto acima, esboça uma crítica à sua demasiada — mas, à época, necessária — ênfase na divindade de Cristo em detrimento de sua humanidade. Também a pesquisa mais ampla vem resgatando este aspecto (JONES, 2008; 2019; KRÖTKE, 2000).

Uma leitura criativa da tradição, bem como um detido conhecimento histórico se mostram como ferramentas necessárias para a construção de um pensamento teológico coerente. Barth demonstra isso ao avaliar o humanismo com base em todo um arcabouço histórico, além de conceber sua leitura teológica à luz da relação entre cristianismo e humanismo, algo que vimos presente também em Calvino. Esses teólogos não rejeitam o humanismo, mas localizam-no sob a fé cristã, mais precisamente sob a graça. A relação com as fontes da tradição requer criatividade e fidelidade, algo que Barth percebeu ao escrever sua obra magna quando se viu retrabalhando as bases bíblicas e históricas, bem como reconstruindo e inaugurando aspectos da tradição reformada (cf. WEBSTER, 2000, p. 6-7). Esse movimento teológico faz recordar aquilo que David Tracy (1975; 1981) entende como constantes da fala teológica

e, justamente por isso, engrenagens que constituem o método teológico. Para esse teólogo católico estadunidense, numa perspectiva revisionista, a teologia consiste em uma hermenêutica crítica dos clássicos da arte, da razão e da religião em correlação com uma hermenêutica crítica da situação contemporânea. Ler Barth, Calvino, Lutero, entre outros, como clássicos cristãos, em perspectiva histórica e dialógica, permite um reencontro com fontes irredutíveis em sua alteridade que podem ajudar a pensar a condição humana e a questão religiosa no contexto atual.

Compreender o humano em sua integralidade e complexidade é algo presente nas reflexões de Barth. Seja em sua percepção do humano como alguém que existe em uma condição histórica, dentro de um corpo, relacionalmente e com um tempo limitado, seja em sua insistência crítica a perspectivas arrogantes do triunfo do humano, fazendo lembrar temas como a culpa, o pecado e a morte. Ao falar do humano como alguém que é, ao mesmo tempo, perdido e salvo, Barth está em relação com a teologia de Lutero que concebe o humano em sua ambiguidade, *simul iustus et peccator*. A consciência dessa ambiguidade, informa uma ética não ingênua (cf. SINNER, 2012b). Ademais, para Barth, a vida cristã não deve ser algo para “fins privados”, pois “perdemos nossa própria glória se estamos preocupados conosco mesmo, se em crendo e amando e esperando não somos apontados para além de nós mesmos” (CD IV/3, apud WERPEHOWSKI 2019, p. 549). A questão ética é central em Barth. John Webster (2000, p. 141-163), por exemplo, enfatiza a centralidade da questão ética para a *Dogmática*. O próprio Barth, a seu modo, insistirá que dogmática é ética. A teologia ao se ocupar com a ação de Deus se torna um exercício sobre a ética da graça, pois a ação de Deus é sempre graça. De que ética e de que humano estamos falando em Barth? A ética é ética da graça, pois o movimento de Deus em direção ao ser humano, Jesus Cristo, movimenta o humano em favor do próximo. O humano é aquele que existe em co-humanidade, com e em favor das outras pessoas, ou se é humano em co-humanidade ou não se é humano. O humano não conhece totalmente nem a si nem ao outro, permanecendo sempre uma dimensão misteriosa na relação interpessoal de tal modo que o outro não seja dominável ou desumanizado (cf. ZEFERINO, 2018b).

Um humanismo cristão, em Barth, é o humanismo de Deus, identificado com Jesus Cristo. Falar do humano é falar de Jesus, falar de Deus é falar de Jesus. Nesses termos, uma aproximação àquilo que Jens Zimmermann (2019, cf. ZEFERINO; SINNER, 2020) reconhece como um humanismo encarnacional em Bonhoeffer parece viável. A fórmula *Deus se torna humano para que o humano se torne em semelhança de Cristo* se aproxima ao caminho da ética da graça anteriormente apresentado. Um humanismo cristão em diálogo com Barth, portanto, precisa partir de uma releitura daquilo que Tracy (1981) chamará de clássico cristão por excelência — Jesus. A graça, como base da cristologia barthiana, permite que se pense em um humanismo cristão que valoriza uma ética da graça em relações de co-humanidade.

Em perspectiva pública, em saída de uma autorreferencialidade teológica, movimento no qual não podemos nos sentir acompanhados por Barth de imediato, pensa-se a condição humana hoje em sua complexidade, em suas ambiguidades, em seu lugar concreto e em sua diversidade. As alteridades em risco interpelam o humano à decisão. Ser humano com os outros em relações de gratuidade é algo que ultrapassa o campo religioso ou cristão. Que existam tradições religiosas que nos ajudem a enxergar tal tarefa é também uma dádiva. A mensagem de uma ética de gratuidade e co-humanidade pode ser devidamente traduzida (cf. RICOEUR, 2011; DREYER, 2011; ZEFERINO; ANDRADE, 2020) diante dos públicos com os quais a teologia dialoga, equilibrando-se aí em uma dupla fidelidade entre tradição e situação contemporânea particular.

Referências

BARTH, K. *A Carta aos Romanos (segunda versão)* 1922. Editado por Cornelis van der Kooi e Katja Tolstaija. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

BARTH, K. A humanidade de Deus [1956]. In: ALTMANN, W.; SCHLUPP, WALTER O.; SANDER, L. M.; ALTMANN, W. *Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. 4. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2018a. p. 393-410.

BARTH, K. Comunidade cristã e comunidade civil [1946]. In: ALTMANN, W.; SCHLUPP, WALTER O.; SANDER, L. M.; ALTMANN, W. *Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. 4. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2018b. p. 293-320.

BARTH, K. Humanism. In: BARTH, K. *God Here and Now*. Trans. Paul M. van Buren. London/New York: Routledge, 2003a. p. 115-132.

BARTH, K. Justificação e direito [1938]. In: ALTMANN, W.; SCHLUPP, WALTER O.; SANDER, L. M.; ALTMANN, W. *Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. 4. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2018c. p. 261-292.

BARTH, K. The Christian Proclamation Here and Now. In: BARTH, K. *God Here and Now*. Translated by Paul M. van Buren. London/New York: Routledge, 2003b. p. 1-12.

BARTH, K. *The Church Dogmatics: The Doctrine of Creation*. v. III/4. Edinburgh: T & T Clark, 1978. [CD III/4].

BARTH, K. *The Church Dogmatics: The Doctrine of God*. v. II/2. Edinburgh: T & T Clark, 1967. [CD II/2].

BEDFORD-STROHM, H. *Liberation Theology for a Democratic Society*. Essays in Public Theology. Collected by Michael Mädler and Andrea Wanger-Pingérra. Münster: LIT, 2018.

BIÉLER, A. *The Social Humanism of Calvin*. Richmond: John Knox, 1964.

BOFF, C. *Teologia e prática*. Teologia do político e suas mediações. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, L.; BOFF, C. *Como fazer Teologia da Libertação*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BROMILEY, G. *Introduction to the Theology of Karl Barth*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001.

BROMILEY, G.; TORRANCE, T. Editor's Preface. In: BARTH, K. *The Church Dogmatics: The Doctrine of God*. v. II/2. Edinburgh: T & T Clark, 1967. p. vii-viii.

BUREN, P. Translator's Introduction. In: BARTH, K. *God Here and Now*. Trans. Paul M. van Buren. London/New York: Routledge, 2003, p. xvii-xxiv.

CALDAS, C. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil: o conceito bonhoefferiano de 'estar aí para os outros' como pressuposto teórico para a construção de uma teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.

CHALAMET, C. Barth and Liberal Protestantism. In: JONES, P. D.; NIMMO, P. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Karl Barth*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

DREHER, M. *Igreja e germanidade*. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo/Caxias do Sul: Editora Sinodal/EST/EDUCS, 1984.

DREHER, M. Reflexões sobre os Sessenta Anos da Escola Superior de Teologia. In: HOCH, L. C.; STRÖHER, M. J.; WACHHOLZ, W. (Orgs.). *ESTações da formação teológica: 60 anos da história da EST*. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2008. p. 57-70.

DREYER, J. S. Public theology and the translation imperative: a Ricoeurian perspective. *HTS Teologiese Studies*, v. 67, n. 3, p. 1-8, 2011.

FORSTER, D. Uma abordagem da teologia pública na África do Sul em diálogo crítico com influências selecionadas do Brasil, da Alemanha e dos Estados Unidos da América. In: SINNER, R.; ULRICH, C. B.; FORSTER, D. (Orgs.). *Teologia pública no Brasil e na África do Sul: um diálogo teológico-político*. São Leopoldo; Sinodal; EST, 2020. p. 107-133.

GIBELLINI, R. Teologia dialética. In: GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 13-31.

GRUCHY, J. *John Calvin*. Christian Humanist and Evangelical Reformer. Wellington: Lux Verbi, 2009.

GRUCHY, J. Dietrich Bonhoeffer as Christian Humanist. In: ZIMMERMANN, J.; GREGOR, B. (Eds.). *Being human, becoming human: Dietrich Bonhoeffer and social thought*. Eugene: Pickwick Publications, 2010a. p. 3-24.

GRUCHY, J. John Calvin, Karl Barth and Christian humanism. *Ned Geref Teologiese Tydskrif*, v. 50, p. 370-378, 2010b.

HARASTA, E. Karl Barth, a Public Theologian? The One Word and Theological 'Bilinguality'. *International Journal of Public Theology*, v. 3, n. 2, p. 188-203, 2009.

HUNSINGER, G. Introduction to the Routledge Classics Edition. In: BARTH, K. *God Here and Now*. Trans. Paul M. van Buren. London/New York: Routledge, 2003. p. vii-xvi.

JONES, P. D. *The Humanity of Christ*. Christology in Karl Barth's Church Dogmatics. New York: T&T Clark, 2008.

JONES, P. D. Human Being. In: JONES, P. D.; NIMMO, P. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Karl Barth*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 388-406.

KIM, M. *Public Theology in Korea? Rereading John Calvin*. Zürich: LIT, 2021.

KRÖTKE, W. The humanity of the human person in Karl Barth's anthropology. In: WEBSTER, J. (Org.). *The Cambridge Companion to Karl Barth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 159-175.

MONDIN, B. Karl Barth e a teologia da Palavra de Deus. In: MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 35-77.

PFLEIDERER, G. Barth und die liberale Theologie. In: BEINTKER, M. (Org.). *Barth-Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016. p. 59-64.

RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SANTANA FILHO, M. B. *Karl Barth e a Teologia Latino-Americana*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2021.

SCHÜNEMANN, R. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

SELL, W. *Ser humano, ser para outra pessoa*. O significado da antropologia de Dietrich Bonhoeffer para sua ética. Tese (Doutorado em Teologia) — Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019.

SINNER, R. Teologia Pública no Brasil: um primeiro balanço. *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 122, p. 11-28, 2012a.

SINNER, R. Teologia Pública novas abordagens numa perspectiva global. *Numen*, v. 13, n. 1 e 2, p. 325-357, 2011.

SINNER, R. *The Churches and Democracy in Brazil: Towards a Public Theology Focused on Citizenship*. Eugene: Wipf & Stock, 2012b.

TRACY, D. *Blessed rage for order: the new pluralism in theology*. New York: The Seabury Press, 1975.

TRACY, D. *The analogical imagination: Christian theology and the culture of pluralism*. New York: Crossroad, 1981.

VILLAS BOAS, A.; ZEFERINO, J.; SERRATO, A. Teopatodiceia: Espiritualidade, Cultura e Práxis. *Teoliterária*, v. 11, n. 24, p. 214-241, 2021.

WEBSTER, J. Introducing Barth. In: WEBSTER, J. (Org.). *The Cambridge Companion to Karl Barth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000a. p. 1-16.

WEBSTER, J. *Karl Barth*. New York: Continuum, 2000b.

WERPEHOWSKI, W. Barth and Public Life. In: JONES, P. D.; NIMMO, P. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Karl Barth*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 547-563.

ZEFERINO, J. Hermenêutica e teologia pública: elementos para a construção do discurso teológico em interlocução com os clássicos desde a Literatura a partir de David Tracy. *Teoliterária*, v. 8, n. 15, p. 154-192, 2018a.

ZEFERINO, J. *Karl Barth e teologia pública: contribuições ao discurso teológico público na relação entre clássicos teológicos e res publica no horizonte da teologia da cidadania*. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2018b.

ZEFERINO, J.; ANDRADE, R. A tradução fundamentalista: equivalências hermenêuticas entre teologias exclusivistas e modelos democráticos elitistas. *Horizonte*, v. 18, n. 57, p. 1050-1081, 2020.

ZEFERINO, J.; BOFF, C. A humanidade de Deus como fundamento para uma espiritualidade ética. *Estudos Teológicos*, v. 55, n. 1, p. 89-100, 2015.

ZEFERINO, J.; SINNER, R. O humanismo cristão de Dietrich Bonhoeffer: contribuições para uma epistemologia teológica. *Teologia em Questão*, n. 37, p. 37-63, 2020.

ZIMMERMANN, J. *Dietrich Bonhoeffer's Christian Humanism*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

RECEBIDO: 31/03/2022
APROVADO: 06/04/2022

RECEIVED: 03/31/2022
APPROVED: 04/06/2022